

BRUNA OLANDOSKI ERBANO¹

NICOLLE AMBONI SCHIO²

**¹CURSO DE MEDICINA – 11º PERÍODO – ESCOLA DE MEDICINA DA
FACULDADE EVANGÉLICA DO PARANÁ**

**²CURSO DE MEDICINA – 12º PERÍODO – ESCOLA DE CIÊNCIAS DE SAÚDE DA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ**

A CIÊNCIA É TUDO O QUE OS OUTROS DISSERAM QUE NÃO ERA

*Concurso Meu Cientista Favorito,
promovido pela Pró-Reitoria de Pesquisa
e Pós-Graduação da Pontifícia
Universidade Católica do Paraná.*

CURITIBA

2014

A CIÊNCIA É TUDO O QUE OS OUTROS DISSERAM QUE NÃO ERA

ERBANO OLANDOSKI, Bruna (FEPAR).
bruo@hotmai.com (41)9961-4471

SCHIO AMBONI, Nicolle. (PUC-PR)
niccaschio@hotmai.com (41)9800-0148

1 INTRODUÇÃO

Nosso cientista favorito é conhecido pela alcunha de Zé. Essa informação justifica parte da nossa admiração. Ele é médico, professor e pesquisador da PUC-PR. Esperamos conseguir com esse texto que vocês entendam de onde nasce a vontade de um estudante se tornar cientista. Em alguns momentos usaremos uma visão mais bucólica, em outros uma visão mais técnica. De alguma maneira, esperamos que nosso ensaio desperte aos iniciantes do meio científico uma atração pela ciência, assim como sentimos durante nossa vida acadêmica. E aos pesquisadores de longa-data, que desperte a vontade de ser o cientista favorito de alguém.

2 DESENVOLVIMENTO

Existem mais de 10 milhões de cientistas no mundo. Grandes exemplos como Einstein, Lavoisier, Newton, Eithoven, Flemming já nos presentearam com sua ciência. O mundo está cada vez mais repleto de mentes geniais e poderíamos escolher qualquer uma delas para ser nosso guia. Mas o nosso cientista favorito atende pelo nome de Zé. Não é famoso, não descobriu a cura da AIDS, mas nos fez descobrir nosso apreço pela ciência.

Nosso cientista favorito é alguém do cotidiano. É um ser humano comum em seu âmago, que trabalha diariamente como todos os meros mortais, que tem seu sustento garantido ensinando alunos de Medicina, como nós, e atendendo pacientes no consultório. Possui família e intercorrências diárias, assim como qualquer outro indivíduo. E é justamente por essa junção de características que ele se torna ainda mais especial. Por ser ordinário e extraordinário simultaneamente.

Gabriel Garcia Márquez descreve a natureza humana frente ao amor em seu livro “Amor nos tempos de Cólera”:

“ - Descobri que minha obsessão por cada coisa em seu lugar, cada assunto em seu tempo, cada palavra em seu estilo, não era o prêmio merecido de uma mente em ordem, mas, pelo contrário, todo um sistema de simulação inventado por mim para ocultar a desordem da minha natureza. Descobri que não sou disciplinado por virtude, e sim como reação contra minha negligência; que pareço generoso para encobrir minha mesquinhez, que me faço passar por prudente quando na verdade sou desconfiado e sempre penso o pior, que sou conciliador para não sucumbir às minhas cóleras reprimidas, que só sou pontual para que ninguém saiba como pouco me importa o tempo alheio... - ”

Pode-se aplicar esse comportamento humano não só frente ao amor, mas também frente à magnitude do saber e da pesquisa. Como um apaixonado, dentro do mundo parcialmente explorado da ciência, as obsessões são o reflexo verdadeiro de uma mente curiosamente desordenada, que procura organizar seu pensamento. O cientista equilibra toda sua virtude, sua ordenação, sua generosidade e pontualidade, com o ímpeto desenfreado de desvendar o mundo de uma só vez. Ímpeto este que surge quando afronta-se à sensação de quebrar um paradigma, ou mesmo de lançar um paradoxo, diferente de tudo que o mundo toma como verdade, criando discussões e suscitando novas dúvidas. Assim, como numa paixão entre dois

seres, que se torna incontrolável a cada nova descoberta, o cientista cria um caso de amor com a ânsia pelo saber, que avulta-se a cada nova conquista científica.

Nosso cientista preferido é um apaixonado pela ciência. Iniciou sua vida acadêmica cedo, com um desempenho incomum para um estudante de medicina, ingressando na UFPR aos 17 anos. Após sua graduação, prestou prova para umas das mais concorridas residências do Brasil, especializando-se em Clínica Médica e Cardiologia pela USP/Incor. Concluiu seu doutorado ainda pela USP e pós-doutorado no Atherosclerosis Research Center de Los Angeles. Hoje, é presidente do Departamento de Aterosclerose da Sociedade Brasileira de Cardiologia.

O mais incrível é que, diferente de pensadores que divagam teoricamente e necessitam de interpretações complexas para se fazer entender, os cientistas trazem suas descobertas à própria realidade, aplicando e transformando o meio onde vivem de maneira mais concreta. Após toda essa jornada, nosso cientista favorito retornou a sua cidade de origem, Curitiba, onde vive e atua até hoje.

Em contraste com essa grande experiência, nosso contato com o meio científico, até poucos anos atrás se limitava a experimentos de feiras de ciências no primário e colegial. Foi na faculdade que, por intermédio de outra cientista também muito admirável, iniciamos nosso aprendizado com quem viria a ser nosso melhor exemplo de sucesso acadêmico. Em nosso primeiro contato, não nos foi possível perceber sua paixão pela ciência. Caracterizava-se como exímio professor, médico distinto e renomado. Com o passar do tempo, descobrimos que também acumulava essas qualidades como pesquisador. Ele é um dos que têm verdadeiro amor pela pesquisa e lutam diariamente pra manter seus laboratórios funcionantes no cenário complicado do financiamento científico no país. Sabe-se que agências de pesquisa como CNPQ, Capes, Fundação Araucária fornecem parte da base pública para realização estudos, porém, sofrem cortes e remanejamentos quantitativos a cada mudança de governo. Associado a isso, há também escasso financiamento privado. Logo, sobreviver como pesquisador beira a utopia por aqui.

De todas as pessoas do mundo, as que nunca esquecemos são as que nos ensinaram algo. Conseguimos nos lembrar dos primeiros aprendizados no mundo científico. Ficamos atônitas com a quantidade de informações. As dúvidas nos gastavam as horas, o fosfato, os neurônios. Zé, na maior parte das vezes, nos incitava a procurar mais. Por hora, nos presenteava com breves respostas, para acelerar a trajetória, mas raramente nos cortava caminhos. Procurávamos, além das

respostas, nos adequar a um mundo completamente novo, no qual dúvidas eram a primeira regra. E ética, a segunda.

Podemos dizer que o primeiro de todos os aprendizados foi o de que fazer uma pesquisa, mal ou bem feita, demanda o mesmo trabalho. Aprendemos ainda que, para ser um bom pesquisador, além de dominar bases de dados, laboratórios, ratos e softwares relativamente complicados, saber redigir um email e se apresentar bem é igualmente importante. Percebemos que dentro da ciência é preciso ter paciência e humildade para repassar o conhecimento para pessoas nem sempre com mesmo nível intelectual (níveis muito superiores, muitas vezes). E que não se pode ser permissivo, nem aceitar respostas prontas sem antes questioná-las.

Aprendemos que para desenvolver e debater uma idéia, muito conhecimento sobre o assunto deve ser adquirido, abrangendo opiniões consoantes e antagônicas. Para isso, também é preciso desenvolver a habilidade de ser crítico, que se sustenta no exercício de estudar diligentemente todo dia. Sabe-se que hoje em dia uma formação acadêmica de peso é de grande valia para adentrar ao mundo da pesquisa, afinal, a docência está diretamente ligada a formação de conhecimento científico.

Apesar do gosto pela pesquisa, nosso pesquisador favorito nos advertiu que nem sempre ela deve estar em primeiro lugar. Devemos ser, acima de tudo, humanos. Característica esta que se torna clara nele quando o ouvimos ao telefone falando com as filhas, perguntando como foi a aula de balé, e dizendo à esposa como está com saudades. Ainda assim, o vimos muitas vezes abrir mão de momentos em família e de descanso, em busca de aprimoramento acadêmico e científico. Tarefa árdua diante de tantas outras precedências.

Muitos desistem de realmente dedicar-se ao mundo científico pelos motivos já citados, porém, lidar com a frustração de não alcançar novos saberes é muito mais difícil. A ciência muitas vezes consome, porém sacia a mente e o ego de maneira indescritível. Não é à toa que tantos cientistas dedicaram suas vidas no decorrer da história, a buscar uma nova visão, uma nova “verdade”. E com certeza os obstáculos foram muitos, principalmente em se tratando de aceitação a novas idéias. Hoje, outros obstáculos se sobressaem. Além da prerrogativa de tempo e dinheiro, percebe-se que muitas vezes a pesquisa é ditada com objetivos pré-determinados por interesses individuais, corporativos e mercantilistas. Para sobreviver no mundo científico, é preciso saber usar as palavras da maneira correta, inclusive para criticar

ideias divergentes. É preciso criar dúvidas e correr atrás de respostas, com ética e respeito. É preciso enxergar a ciência como Gabriel Garcia Màrquez enxerga o amor. É preciso estudar. E acima de tudo, reconhecer àqueles que contribuem para nossa jornada e conhecimento. José Rocha Faria-Neto (Zé), nosso cientista favorito é você.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ser pesquisador no Brasil é uma tarefa árdua. Há pouco incentivo, pouca valorização e reconhecimento do trabalho. Portanto, quando encontramos alguém que, em meio a tantas adversidades, se mostra forte e disposto a responder às perguntas, pesquisar e estudar o quanto for preciso para sanar um questionamento, é de se admirar. Porém, há distância considerável entre admirar e querer fazer parte desse grupo de poucos que conseguem sobreviver prósperos na área científica. A caminhada é longa. E só se faz possível quando encontra-se um bom exemplo para mostrar a direção. Para nós, esse é o papel que nosso cientista favorito representa. Ele nos apresentou a ciência, nos fez apreciar a pesquisa com sua maneira obstinada, porém cuidadosa, de trabalhar e ao longo do tempo foi nos aperfeiçoando. Nos mostrou que o estudo é incessante, que a ética é regra e que a dúvida estará presente durante toda a trajetória. Nos fez acreditar que é possível ser um bom pesquisador no nosso país e que isso é realmente gratificante, apesar de todo o esforço. E que devemos lutar por um lugar concreto para o desenvolvimento científico no país, que represente esse amor pela ciência em benefícios para toda a população de maneira permanente.

Apenas encontramos nosso lugar quando enxergamos em alguém o que tanto buscamos. Nosso cientista certificou-se de nos mostrar onde queremos chegar. Esperamos que no futuro sejamos as científicas favoritas de alguém.

4 REFERÊNCIAS

DUBELCCO, EDELMAN, SPECTOR, BALTIMORE, BISHOP, PRUSINER, BROWN, GOLDSTEIN. **Prêmio Nobel na Scientific American. Volume 4 – Medicina.** São Paulo: Ediouro Duetto Editorial, 2010. 164p.

GARCIA MARQUEZ, Gabriel. **O Amor nos tempos de Cólera.** 42ª Edição. São Paulo: Editora Record, 2014. 429p

GAZETA DO POVO. **Para crescer, Brasil precisa de mais cientistas e no lugar certo.** Disponível em:
<<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1341710>>.
Acesso em: 28 out. 2014.